

AS MÚLTIPLAS FACES DA INTERAÇÃO¹ (Interaction in its multiple aspects)

RESUMO

Neste trabalho foram considerados processos interativos em três diferentes contextos de uso da linguagem: formas de interação entre emissor (autor) e receptor (leitor) de cartas pessoais antigas; a estrutura de participação e interação entre apresentador-participante em um programa de TV; e as interações diárias entre professores de uma mesma escola na construção conjunta do conhecimento. Procuramos investigar sobre o que existe no componente cultural humano que preserva (mesmo em contextos distintos) a integridade conceitual de um fenômeno.

Palavras-chave: interação, linguagem, cognição, construção

ABSTRACT

Interaction has been considered in this work in three different contexts of language use: interaction between the writer and the reader of ancient personal letters; the structure of participation and interaction between the presenter and the audience in a tv program; and the daily interactions among teachers from the same school during a collective construction of knowledge. We have tried to investigate about what does exist in human cultural component that preserves (even in different contexts) the conceptual integrity of a phenomenon.

Key- words: interaction, language, cognition.

INTRODUÇÃO

Desde o momento em que Bakhtin (1929) defendeu a noção de interação verbal como uma propriedade constitutiva da língua, muitos questionamentos já foram feitos em torno dos processos interativos nos contextos de uso da linguagem. Nos últimos anos, no entanto, o termo tem recebido um maior reconhecimento e tem-se acentuado entre lingüistas, pesquisadores e professores o interesse em compreender, analisar e aplicar as estratégias interativas na dinamicidade das relações que envolvem a linguagem. Em conformidade com essa tendência, este trabalho destina-se a apresentar e refletir sobre os processos interativos em diferentes contextos de comunicação humana.

* UFPB

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no VII Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, organizado pelo LAEL – PUC/SP, em outubro de 2004, em uma sessão temática intitulada “A interação em diferentes instâncias comunicativas”, onde foram apresentadas situações interacionais em diferentes contextos de comunicação.

Pretendemos, especificamente, analisar os pontos convergentes do processo interativo em diferentes instâncias de comunicação lingüística: formas de interação entre emissor (autor) e receptor (leitor) de cartas pessoais antigas; a estrutura de participação e interação entre apresentador-participante(s) em um programa de TV; e finalmente, as interações diárias entre professores de uma mesma escola na construção conjunta do conhecimento. Interessa-nos investigar sobre o que existe no componente cultural humano que permite (mesmo em contextos distintos) manter a integridade conceitual de um fenômeno.

1 A PROPÓSITO DA INTERAÇÃO

Em texto recente, Morato (2004) apresenta uma esclarecedora retrospectiva do papel que a interação tem desempenhado na condução dos estudos e pesquisas com a linguagem. A autora salienta a presença da concepção interacionista em várias áreas de investigação lingüística como a Sociolingüística, a Pragmática, a Psicolingüística, a Semântica Enunciativa, a Lingüística Textual e a Análise do Discurso – essa diversidade será melhor ilustrada na análise dos trabalhos aqui cotejados.

Hoje não é mais possível, pacificamente, estudar a língua como fenômeno imanente e isolado de suas condições de produção e utilização, que envolvem o contexto (lingüístico e extralingüístico), falantes e situação de comunicação.

Uma vez aceita a tese bakhtiniana da interação como propriedade constitutiva da linguagem (já mencionada no início deste trabalho), torna-se até um pouco redundante o próprio título dessa sessão temática “Processos interativos em diferentes instâncias de comunicação”, uma vez que nos parece quase impossível falar de comunicação humana, sem que esteja subjacente a essa idéia a noção de interação.

A interatividade é um pré-requisito da vida em sociedade. O desenvolvimento da linguagem só foi possível devido ao fato de os seres humanos terem a capacidade de interagirem uns com os outros. Partindo inicialmente da necessidade na execução de tarefas básicas de sobrevivência, passando pelo instinto de reprodução, até evoluir para necessidades mais complexas de comunicação, o homem não pode prescindir das relações com seus pares. Mesmo admitindo a existência dessas outras instâncias interacionais na vida humana, as nossas reflexões, neste momento, só contemplam as peculiaridades da interação verbal.

Nesse domínio, Morato (2004, p.323) define interação como a base de construção do conhecimento e da dupla natureza da linguagem (cognitiva e social).

Nesses casos, outro aspecto que merece esclarecimento é o que diz respeito a um certo mal-entendimento de que relações interativas seriam necessariamente positivas ou harmônicas. Existem produtivas interações verbais

que são construídas em situações de conflito – desde que não seja essencialmente destrutivo – e conseguem realizar valioso intercâmbio cognitivo entre seus interlocutores diretos ou indiretos.

Citemos como exemplo o caso das interações desenvolvidas em tribunais onde advogados de acusação e defesa debatem-se vigorosamente, construindo argumentos convincentes, elaborando réplicas e trélicas e outros recursos verbais ou não verbais próprios ao gênero julgamento. Uma outra situação de conflito que promove valiosas trocas verbais é a que diz respeito às respostas indignadas dos leitores em reação a determinadas reportagens ou entrevistas publicadas em revistas ou jornais.

Nessas situações específicas, onde os interlocutores indiretos sentem-se afrontados a ponto de escreverem demonstrando sua posição contrária ao que está sendo veiculado, podemos reconhecer como a interação foi bem sucedida, a despeito de ter sido gerada por interesses contrários.

Esses exemplos deixam bem claro que o maior obstáculo à interação é a completa indiferença. É falar e não ser ouvido, perguntar e não obter resposta, é escrever um texto que não será lido – mesmo sendo aquele texto também fruto de interações passadas, mas que uma vez constituído como tal, passa a solicitar um leitor potencial, caso contrário a corrente de interação será quebrada.

A esse respeito, ou seja, que qualquer texto, mediata ou imediatamente, constitui-se em meio a um rico contexto de intercâmbio com os outros, Beth Brait (2002, p.144-45) em um texto onde faz ponderações em torno das noções bakhtinianas de interação, assim se posiciona:

A perspectiva do outro enquanto discurso e interdiscurso, enquanto constitutivo da linguagem, na medida em que o autor situa o texto impresso, ou suas diferentes formas de produção, circulação e recepção em diferentes esferas, como resposta a outras interações da mesma natureza e, ao mesmo tempo, como decorrente de um estilo ou de um confronto de estilos ou problemas científicos, por exemplo. Essa característica dialógica da linguagem será, evidentemente, estendida para qualquer enunciação, para todas as formas de interação verbal, reforçando a idéia de que há necessidade de diferenciar, e ao mesmo tempo de integrar sem identificar, a situação específica em que se dá a interação, e que é necessariamente integrante dessa interação e não simplesmente sua causa, de um contexto histórico, cultural e social mais amplo.

Tomando essas questões como eixo norteador de nossas reflexões, passamos, então, a analisar as três situações interativas, identificar as suas semelhanças e buscar eventuais diferenças entre elas.

2 SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO A – ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA *MAIS VOCÊ*.

A produção, realização e gravação desse programa constituem um evento comunicativo de particular interesse para nossa análise devido à variedade de elementos em interação existentes na situação. Além disso, as interações desenvolvidas ao longo do programa não são essencialmente espontâneas (mesmo considerando a “espontaneidade” da apresentadora e do participante ratificado (cf. GOFMAN, 1988), representado pelo Louro José), o que torna a situação ainda mais especial. Vejamos o fragmento de uma cena do programa que foi gravado na época do carnaval. Depois de cantarem uma música carnavalesca, Ana Maria se dirige ao louro José.

a) uma conversa com o Louro:

- *Ah! Vou te mostrar..* (Ana Maria)
- *Confete, serpentina?* (Louro José).
- *Vou te mostrar, vou abrir. Esse aqui é teen, não esse é espermicida. Sabe o que é espermicida?* (Ana Maria)
- *O que diz aí?* (Louro José)
- *Olha, vem vê de perto* (Ana Maria).
- *É uma camisinha.* (Louro José)
- *Pensei que cê ia dizer que era um chapeuzinho.* (Ana Maria)

A estrutura geral do programa é previamente planejada, e até os improvisos na fala da apresentadora e do Louro José, que eventualmente ocorrem, também não podem fugir do formato previsto para o programa. A apresentadora tem de seguir o roteiro (*script*) previsto para o programa (nesse caso específico, o objetivo é divulgar e alertar para os riscos de não usar camisinha) mesmo que em determinados momentos ela se envolva em algumas situações que fujam um pouco do controle da produção. Essa situação pode ser criada quando algum telespectador, através do telefone, assumir momentaneamente a condução das intervenções verbais, ou algum entrevistado direcionar o assunto da conversa para algum outro tema que não seja o pretendido pela produção. No entanto, um profissional competente na área (nesse caso, Ana Maria Braga) sempre consegue retomar o controle da situação, reconduzindo a participação dos interlocutores ao patamar desejado.

Existem dois eixos principais de interação no programa: 1) apresentadora x louro José e 2) apresentadora x platéia. Há ainda dois outros eixos paralelos e que ocorrem eventualmente: 1b) Louro José x platéia e 2b) agente da produção do programa x a apresentadora. Esse último eixo interacional é mais discreto, e serve para ratificar o controle a que esse evento comunicativo está submetido. Exemplificamos a seguir:

- 2) apresentadora e telespectador (platéia)
- *Alô!*
 - *Quem tá falando?* (Ana)
 - *É a Fernanda!*
 - *Oi Fernanda aqui é a Ana Maria Braga tudo bem?*
 - *Ai é a Ana Maria Braga! Marina, consegui!!!!* (Fernanda)
 - *Yes* (Ana)
 - *Consegui também!* (Louro)

- 1b) Louro José e platéia X Louro José e Ana Maria
- *Vamo lá, dinheiro para o povo, é agora!* (Louro)
 - *É agora, vamo resolver o problema da conta.*
 - *Quem quer dinheiro, rarai!!!!* (Louro) (risos dos dois).
 - *Tá doido Louro José, heim Louro José? 67 o último nº 67. Nossa o pessoal desse estado aqui tá com o dedo no telefone, na hora que eu falar assim valendo, eles tum.*
 - *Já ligaram!* (Louro)

A direção do programa tem um objetivo bem determinado: criar um formato típico de programa que atraia o telespectador, conquiste um determinado público, mantendo uma boa audiência. Para alcançar esse objetivo, são utilizadas estratégias interacionais que visam garantir uma aproximação maior com esse público, fazendo-o participar diretamente (por telefone ou cartas), ou indiretamente (participação revelada pelos índices de audiência).

A oscilação para mais ou para menos nos níveis de audiência, associada às correspondências recebidas pela apresentadora ou outras pessoas participantes do programa, apresentam-se como as formas de mensuração para atestar o êxito da interação entre apresentadora e público. Apesar de em muitos casos não haver uma resposta concretamente verbalizada, os índices comprovam que há um número de pessoas que efetivamente interage com a apresentadora: anotam receitas, telefonam, escrevem, enviam e-mail etc. Certamente existem ainda outras formas de reagir aos estímulos fornecidos pelo programa, porém escapam completamente do alcance de nossa observação e controle. Aqueles que não emitem quaisquer reações de resposta ao programa são os que obviamente não lhe assistem.

3 SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO B: AUTOR (EMISSOR) E LEITOR (DESTINATÁRIO) DE CORRESPONDÊNCIAS ANTIGAS

Nesse contexto específico de interação verbal, viabilizado por textos escritos, selecionamos duas ocorrências específicas: a primeira gerada por uma

situação de conflito, e a segunda motivada por necessidades burocráticas onde fossem pouco relevantes marcas explícitas de interação, justificada pelo caráter impessoal da correspondência comercial.

No primeiro caso temos a reação indignada de um leitor do Diário de Pernambuco que fora impedido de entrar em um baile de máscaras realizado no Teatro Apollo. O texto – uma carta ao leitor de 1850 – foi concebido, então, em função dos acontecimentos vivenciados pelo autor. Dizendo de outra forma, o texto foi fruto de interações conflitantes em que o autor esteve envolvido.

JIAKIU DE PERNAMBUCO

(30) 11/02/1850

Correspondencia.

OS CONVITES PARA O BAILE MASCARADO – NA DIRECÇÃO DO THEATRO D'APOLLO.

He pena, Srs. Redactores, que uma sociedade como he'a do theatro d' Apollo que na escalla das corporações que tende a apresentar divertimentos particulares merece elevada consideração, seja regida (com honrozas excepções) por uma direcção composta de pessoas tão alheias aos predicados da delicadeza, e por isso predispostos sempre á pratica de factos tão escandalosos que terão, quando imparcialmente, combinados de innoduar para sempre seus respeitaveis autores, e envergonhar aquelles que talvez por inexperiencia ou bôa fé os ~7ô11oôa.fâm na posição de administra(?) corpo brioso, e do qual Tabusão: continuadamente – lie~ o caso Promovendo a ~ireeçã~ da sociedade H. Theatral um baile de mascarados facultou, como póde vâr-se no abaixo~assignado, que distribuiram, entrar por complemento do mesmo, pessoas que não fossem socios, e recebendo de muitos os competentes dez mil réis – reprovaram a proposta desse mesmo convidado; não Srs. Redactores, porque a melhor conducta e as mais bellas.qualidades não assistissem ao pretendente, mas pelo unico fim de consumir a vingança de particulares dessenças menos presando dest' arte, não 50 seus merecimentos, mas tambem menos prezando a fé que um socio deve Ter quando indica um convidado para uma função na casa que como aos Srs. directores igualmente lhe pertence, e ainda mais, Srs. Redactores, não se circums~creveu unicamente este comportamento mesquinho e indecoroso n' um simples convidado, mas se estendeu áfamilias de singular tratamento, e que tem ingresso nos divertimentoS de casas respeitablissimas, cujo zêlo por sua honra se acha collocado muito além daquelle de que pôdem dispôr alguém que por desgraça pozeram em sua mão os meios para obrar tão ~obardê e mesquinamente – SrS. redactores, para bem conhecer-se esta verdade pura,

basta ter conhecimento de que se aprovava por valimento d'este ou daquele, o individuo que na reunião antecedente fôra plenamente reprovado, e que taV.. quem ousa tanto fle capaz ce tudo.

Um dos membros, Srs redactores, n'uma das reuniões de que tenho fallado, ouvindo a reclamação d'uma reprovação de convidado, em que o reclamante se dispunha a provar sua inteira capacidade, respondeu – seja bôa ou má sua condução, nem todos estão diabelit&dos a ir a um baile – 4júaes. serão pois, Srs. redactores, os quisitos precisos para tal fim além de probro e honrado? Parece que só os saberá aquelle, que pouco caso faz da honra. Queiram pois, Srs. redactores, inserir no seu *Diario* estas poucas linhas, e assim obrigarão o seu constante leitor – *Uni dos que obteve um R.*

A propósito de nossas reflexões em torno de uma concepção de linguagem como ação situada, “cuja unidade de análise é a atividade desenvolvida pelos sujeitos no decurso da interação” (MORATO, 2004. p.327), consideramos esse um exemplo legítimo para a consistência de tal concepção.

Segundo Morato, a noção desse termo – ação situada – refere-se a toda ação humana que dependa estreitamente das circunstâncias materiais e sociais nas quais se desenvolve. No nosso entendimento, a linguagem se enquadra perfeitamente nesta categoria de ação, e ainda que tenhamos salientado a pertinência do exemplo representado pela carta ao leitor, toda e qualquer ação de linguagem está incluída nesse grupo.

Percebemos claramente no texto as marcas de dialogismo entre o seu autor empírico e o os redatores do jornal. Apesar dessa situação de interlocução não se configurar como uma legítima situação de interação face a face, fica evidente que o autor se posiciona tendo em vista a reação do interlocutor, instigando-o a tomar determinadas atitudes. Vejamos alguns exemplos:

Ex. 1: **He pena, Srs. Redactores...**

Ex. 2: **SrS. redactores**, para bem conhecer-se esta verdade pura, **basta ter** conhecimento de que se aprovava por valimento d'este ou daquele...

Ex. 3: **Queiram pois**, Srs. redactores, **inserir** no seu *Diario* estas poucas linhas, e assim **obrigarão** o seu constante leitor – *Uni dos que obteve um R.*

O segundo caso – em que consideramos a carta comercial – também vem ratificar o nosso entendimento de que são as relações existentes entre os interlocutores de um evento comunicativo, juntamente com suas respectivas peculiaridades, que determinam a natureza da enunciação. Até mesmo a ausência de marcas explícitas de interação, conforme mencionamos acima e exemplificaremos no texto abaixo, servem como indicadores interacionais, na medida em que revelam o grau de interatividade presente na relação.

Vejamos a carta:

(C 146) – TENDO O MUNICIPIO DE CABACEIRAS

Tendo o Município de Cabaceiras sido desligado do de São João, e deixado de ser o cabeça do Termo, posteriormente a Resolução de 21 de Abril do anno passado mandada observar no presente por Portaria de 31 de Janeiro ultimo, relativamente a ordem de Substituição do Juiz de Direito da 2ª Câmara; ordena o Presidente da Província que em vez do Juiz Municipal de Cabaceiras, entenda-se o do Termo de S. João, advertindo que o do Brejo só terá o 1º lugar, conforme areferida Rezolução, quando provido nos termos da Lei de 3 de Dezembro de 1841.

Villa do Conde 7 de Novembro de 1843

Illmo Sr Jose Franco de Moura Jr

Chefe de Legan e ComeSupor inte

Braz Ferrª Maciel Pinheiro
Tene Corel Come

O objetivo da carta, o assunto, o nível de aproximação entre as partes envolvidas, o posicionamento dos interlocutores, bem como o próprio gênero – apesar de não pretendermos focalizar neste trabalho a questão dos gêneros textuais – todos esses elementos contribuem na construção da linguagem e na caracterização do enunciado.

4 SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO C – CONSTRUÇÃO PARTILHADA DE CONHECIMENTOS ENTRE PROFESSORES DE UMA MESMA ESCOLA

Certamente, as duas primeiras situações não negam a possibilidade de que existam naqueles contextos condições efetivas para que ocorra a construção de conhecimento por parte de seus inter-actantes. O que se configura nesta situação C, que a distingue das demais, é o *locus* específico onde se dá a interação: ambiente institucional formal onde se constrói e transmite conhecimento – escola e universidade.

Existem dois tipos bem definidos de relações produtivas nesse corpus. O primeiro, conforme veremos no exemplo, caracteriza efetivamente um caso de interação harmônica na construção conjunta de conhecimento.

Excerto D (Aula 1)

Profa. Liana: (...) ensinar é uma arte... eu acho que é até um senso comum... é uma arte que deve ter muita consciência..a gente tá mexendo com vidas que de repente a gente vai determinar né ?

Prof. Henrique: tá formando opinião...

Profa. Liana: tá formando opinião.. consciência..então isso aí.

Prof. Henrique:

[isso aí é..

Profa. Liana: [isso aí é complicado

Profa. Sílvia: é complicado... uma responsabilidade tremenda

Prof. Henrique: com certeza

Profa. Liana: acho que o professor deveria ser valorizado bem mais por conta disso porque é um peso muito grande a gente tem que ser um pouco de.. de psicólogo

Profa. Sílvia: de tudo

Prof. Henrique: é.. de tudo..

Profa. Sílvia: sociólogo.. antropólogo..

Prof. Henrique: pedagogo

Profa. Liana: consultor sentimental... ainda hoje mesmo uma aluna veio desabafar comigo... achei o máximo ..

Cada professor contribui na composição do que seja o papel/função do professor. O interessante nesse segmento interacional é que as opiniões não se contrapõem, as falas vão sendo incorporadas na composição coletiva de um discurso único.

Essa constatação nos remete ao que Morato (2004) identifica como uma associação entre as noções de ação situada e cognição situada, fundamentada na interdependência da ação e da reflexão, e baseada no argumento de que o contexto social, onde a atividade se desenvolve, é parte essencial e não coadjuvante dessa atividade.

Para Mondada e Pekarek (2000, p.154-5, *apud* MORATO, 2004, p. 327-328):

A cognição pode ser compreendida como situada em dois sentidos: de uma parte, ela pode ser considerada como enraizada na interação social (ROGOFF, 1990); de outra parte, ela pode ser compreendida como estando ancorada nos contextos institucionais e culturais mais largos (COLE, 1994 e 1995; WERTSCH, 1991a e b); a abordagem sócio-cultural procura reunir esses dois aspectos em um modelo coerente (...) A atividade, enquanto processo dinâmico situado nas estruturas sócio históricas, encontra-se assim apresentada como ponto de partida para o estudo do funcionamento mental. Nesses termos, encontra-se ao mesmo tempo estabelecida a concepção de cognição como prática, distribuída, emergente das atividades locais, que não somente se opõe à sua modelização tradicional e individualizante em termos de interioridade e de intencionalidade, mas que, mais geralmente, se recusa à separação entre o que relevaria do domínio do desenvolvimento individual, cognitivo e autônomo, e do que relevaria do domínio da atividade coletiva, interativa e social.

Certamente, muitas das opiniões expressas pelos professores, reproduzem essa dicotomia entre os limites do que emerge do desenvolvimento individual, cognitivo e autônomo, e o que emerge do domínio da atividade coletiva, interativa e social.

Em relação ao segundo segmento interacional selecionado, podemos observar que, apesar de termos mais uma construção conjunta de conhecimento, surge a figura de um facilitador que vai conduzindo a atividade de construção cognitiva. As intervenções não são tão livremente posicionadas como no primeiro caso, existe o ‘regente’ que vai direcionando as respostas em direção à elaboração de um conceito didático.

Excerto E (Aula 7)

Facilitadora 7: vocês conhecem material para o ensino de línguas..como é que vocês vêm esse material? No que isto implica?

Profa Danusa: é produzir um material bem próximo à realidade deles de acordo com o nível deles .. que eles se interessem..

Facilitadora 7: o que significa “que eles se interessem”?

Profa. Sílvia: que desperte o interesse do aluno

Facilitadora 7: e o que é que despertaria?

Profa. Liana: materiais próximos ao jeito de falar dos alunos... eu sempre tento trazer alguma coisa diferente, alguma coisa jornalística... mas.. quando eu vejo os alunos estão fazendo relação com a malhação da vida..((todos riem))

Ainda que seja uma interação mais controlada (um professor de cada vez vai dando sua colaboração na elaboração do conceito), em ambas as situações, o desenvolvimento da ação de linguagem, bem como a construção cognitiva dos conceitos, só foram possíveis devido à natureza das relações estabelecidas entre os participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos três episódios interacionais ratifica a nossa concepção de que há uma imbricação perfeita entre os três fenômenos essencialmente sociais envolvidos no processo: linguagem, cognição e interação.

Apesar de termos focalizado três contextos interacionais bem distintos entre si, existe um aspecto central que é comum a todos eles: o exercício da linguagem (em suas variadas versões) e o desenvolvimento cognitivo só são possíveis em meio a relações entre indivíduos, e entre os indivíduos e o contexto circundante.

Nós já nascemos seres cognitivos e é essa a condição que nos permite desenvolver a linguagem. A cognição é inerente ao ser humano, mas é também uma capacidade que se desenvolve na interação social, e, contanto que não haja qualquer patologia mental, não se pode dizer que existem humanos mais cognitivos do que outros. O que realmente existe são determinadas estratégias (lingüísticas ou não) que fornecem mais estímulos cognitivos ao indivíduo do que outras,

levando-o a desenvolver sua forma de percepção dos acontecimentos do mundo (Cf. PEREIRA, 2005).

É a interação, portanto, que permite que a cognição e a linguagem se desenvolvam. Não se tem notícia de que possa haver cognição humana ou atividade de linguagem que prescindam das trocas simbólicas efetuadas entre os indivíduos. Faz-se oportuno, mais uma vez, retomar as palavras de Morato (1996, p.18) que definem exemplarmente essa ligação: “ não há possibilidades integrais de pensamento ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos”.

Concluimos então, que é este componente cultural humano que permite – a despeito das diferentes acepções do termo interação e sua ocorrência em contextos distintos – manter a integridade conceitual de um fenômeno.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, B. (2002). Interação, gênero e estilo. IN: D. PRETI (org.) **Interação na fala e na escrita** – Projetos PARALELOS - NURC/SP, 5: 144-145.
- GOFMAN, E. (1988). A situação negligenciada. IN: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE.
- MONDADA, L.; PEKAREK, S. (2000). Interaction sociale et cognition située: quels modèles pour la recherche sur l’acquisition des langues? **AILE**, 12: 154-5.
- MORATO, E. M. (1996). **Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. São Paulo: Plexus..
- _____. (2004). O interacionismo no campo linguístico. IN: F. MUSSALIM; A. C. BENTES (orgs) **Introdução à Linguística** – fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez Editora.
- PEREIRA, R. C. M. (2005). A concepção de letramento na escola: dimensão social e cognitiva. IN: Língua, Linguística e Literatura: revista do DLCV/UFPB. João Pessoa/Santa Maria: Pallotti, vol. 1, n. 3.**

